

## ***Os Justos e o amor ao mundo em Albert Camus***

**Ricardo Vieira Vaz<sup>1</sup>**

O objetivo deste artigo é discutir o amor ao mundo na obra de Albert Camus. Coloco em evidência principalmente sua peça teatral *Os justos*, que analiso em diálogo com escritos de Hannah Arendt sobre a ação.

*The objective of this article is to argue the love to the world in the workmanship of Albert Camus. Places in evidence its teatral part the right ones, that I analyze in dialogue with writings of Hannah Arendt on the action.*

Palavras-chave: mundo, amor, homem, morte./ *world, love, man, death.*

*E na sua procura daquilo de que necessita para poder simplesmente ser, a vida esbarra com o que está de fora, o mundo. No desejo ela tem necessidade do mundo e de dele se tornar escrava.*

(Hannah Arendt, *O conceito de amor em Santo Agostinho*<sup>2</sup>)

No final do ano de 1949 Albert Camus inicia a encenação do espetáculo teatral *Os justos*, um dos maiores dramas levado aos palcos franceses do pós-guerra. Esta peça tem como cenário a Rússia czarista de 1905, onde um grupo de jovens anarquistas membros do Partido Socialista Revolucionário, planeja o assassinato do grão-duque Serge em um atentado à bomba, a fim de apressar a libertação do povo russo. Neste drama encontramos uma forte discussão sobre a existência de amor e de limites na ação revolucionária. Afinal, o ideal de justiça defendido pelos revolucionários seria suficiente para assegurar a realização da justiça?

Quando em nome de uma idéia abstrata se sacrifica o homem concreto, o revoltado deixa de ser fiel à sua condição humana. É esta fidelidade ao homem que *Os justos* irá expressar. Na trama desta história opõe-se o revoltado justo, o que ama o mundo e a criatura e entrou na revolução para dar oportunidade à vida, ao

---

<sup>1</sup> Graduando em história pela Universidade Federal de Uberlândia. Este texto se vincula à minha pesquisa de monografia onde busco estabelecer um diálogo entre a noção de *amor mundi*, presente no pensamento de Hannah Arendt e a idéia de equilíbrio mediterrâneo encontrada na obra de Albert Camus. Sob a orientação da professora doutora Christina Lopreato.

<sup>2</sup> ARENDT, Hannah. **O conceito de amor em Santo Agostinho**. Lisboa: Instituto Piaget, [19--].

revolucionário injusto, que não ama a vida mas a justiça que está acima da vida, e está pronto a tudo para impor a revolução ao mundo.

Este texto privilegia o tema do “amor ao mundo” presente no pensamento de Albert Camus. Meu propósito é focalizar mais especificamente esta temática em *Os justos*, a fim de construir uma leitura que discuta a ação na filosofia (da revolta) de Camus buscando um diálogo com conceitos da teoria política de Hannah Arendt sobre a faculdade humana de agir.

Camus, o autor, pertence à geração que nasceu depois de mil e novecentos. Ele vivenciou momentos críticos da história contemporânea, entre eles, as duas grandes guerras mundiais e presenciou o fracasso do progresso, da democracia, da razão e da liberdade<sup>3</sup>. Observa-se em suas obras uma constante ênfase na responsabilidade humana pelo mundo. A persistência de um forte apego à Terra, presente nos seus escritos, chamou minha atenção para a singularidade e a importância dessa sua insistência.

## **A sensibilidade mediterrânea de Albert Camus**

*Sem a beleza, o amor ou o perigo, seria quase fácil viver.*

*(Albert Camus A inteligência e o cadafalso)*

Argelino, Camus (1913-1960) teve uma infância quase miserável. Com a morte do pai no campo de batalha, no início da primeira guerra mundial ele foi criado em um bairro popular de Argel pela mãe que trabalhava duramente para sustentar os filhos e pela avó autoritária. No prefácio de seu primeiro livro *O avesso e o direito*, declara:

[...] fui colocado a meio caminho entre a miséria e o sol. A miséria impediu-me de acreditar que tudo vai bem sob o sol e na história; o sol ensinou-me que a história não é tudo. Mudar a vida, sim, mas não o mundo do qual eu fazia minha divindade. Assim é, sem dúvida, que abordei esta carreira desconfortável em que me encontro, enfrentando com inocência uma corda bamba, na qual

---

<sup>3</sup> BARRETO, Vicente. **Camus, vida e obra**. Rio de Janeiro: J. Álvaro/INL-MEC, [19--].

avanço com dificuldade, sem estar seguro de alcançar a outra ponta. Em outras palavras, tornei-me um artista, se é verdade que não há arte sem recusa nem consentimento <sup>4</sup>.

Para Carlos Eduardo Guimarães, nas primeiras obras de Camus predomina a sensibilidade “que não será perdida pelo pensador maduro e a cujos ensinamentos permanecerá fiel [...] encontramos o reconhecimento da permanência do autor às suas fontes e, ao mesmo tempo, um propósito de fidelidade”<sup>5</sup>. Em *Núpcias*, o jovem autor de vinte e três anos sela bodas indissolúveis com a terra:

A união almejada por Plotino, que pode haver de estranho em encontrá-la na terra? A unidade exprime-se aqui em termos de sol e de mar. É sensível ao coração, através de certo sabor carnal, que origina sua amargura e sua grandeza. Descubro que não existem felicidade sobre-humana nem eternidade alguma para além da curva dos dias. Estes bens irrisórios e essenciais, estas verdades relativas são os únicos que me comovem <sup>6</sup>.

As revelações dessa sensibilidade mediterrânea experimentada na juventude criam, em Camus, laços definitivos com o mundo. Partindo desta fonte, sua filosofia “terá que refazer, a seu modo, as etapas de sensibilidade, firmando as grandes soluções já encaminhadas, procurando aquela unidade que somente será conquistada quando puder se transformar em ação” <sup>7</sup>.

Ainda na Argélia, recebeu forte influência de seu amigo e mestre Jean Grenier, a quem dedicou sua obra seminal *O homem revoltado* (de 1951). Durante um breve período, de 1935 a 1937, adere ao Partido Comunista daquele país: “Justamente, na experiência (leal) que irei tentar, sempre me recusarei a colocar entre a vida e o homem um volume de *O capital*” <sup>8</sup>. No PC argelino foi encarregado da propaganda entre os muçulmanos. Mas, quando os comunistas da Argélia, a pedido de Moscou, modificam sua atitude em relação aos árabes, Camus rompe com o Partido. Para ele os árabes deveriam estar no mesmo nível dos europeus da Argélia. Com alguns amigos funda o *Teatro do trabalho*, depois o *Teatro da equipe*, com atividades orientadas por considerações políticas e sociais. Em 1937, passa a atuar como jornalista no periódico de esquerda *Algér Republicain*.

---

<sup>4</sup> CAMUS, Albert. **O avesso e o direito**. Rio de Janeiro: Record, 2003.p.18.

<sup>5</sup> GUIMARÃES, Carlos Eduardo. **As dimensões do homem**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1971.p.21.

<sup>6</sup> CAMUS, Albert. **Núpcias, O verão**. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1979.p.38.

<sup>7</sup> GUIMARÃES, op.cit.,p.48.

<sup>8</sup> TODD, Olivier. **Albert Camus, uma vida**. Rio de Janeiro: Record, 1998.p.95.

No ano de 1940 foi para a França, invadida pela Alemanha de Hitler em maio, onde conclui seu romance mais famoso, *O estrangeiro*. Sua principal missão no movimento de resistência foi a de jornalista, atuando como chefe de redação do jornal *Combat*.

A peça teatral *Os justos*, se insere no universo literário de Camus que “ao lado do sol mediterrâneo de sua Argélia natal, sempre alimentou uma criação que retorna sem cessar a um horizonte pessoal de representações. Afinal [...] seus textos sempre denunciam o artista que nele se esconde”<sup>9</sup>. Segundo Guimarães, se procurássemos um traço que definisse a biografia de Camus, teríamos que ressaltar a fidelidade. É como lembra Jean Claude Brisville: “expor-se ia sem dúvida a nada compreender dessa obra quem se atrevesse a esquecer que fidelidade ela implica e de que recordação ela é testemunho. Não há talvez um único livro de Camus que, escutado com atenção, se não revele secretamente cheio de um grande rumor de sol e de vagas”<sup>10</sup>.

Refletir sobre o significado político de seu pensamento é algo que se impõe e ultrapassa um interesse meramente literário. Há, em seus romances e peças teatrais, figuras éticas e estéticas, eivadas de paixões de onde emerge uma concepção de “homem no mundo” digna de consideração.

Busco em *Os justos*, este drama que retrata a violência e a força do amor de um grupo de jovens anarquistas na Rússia czarista, correr o texto do espetáculo e nele destacar os fios que unam ficção e realidade, evidenciando este amor nas ações da trama; considerando seus “supostos filosóficos”, o tema do absurdo e a conseqüente opção pela revolta.

## **O homem revoltado camusiano**

Se nos primeiros livros de Camus (*O avesso e o direito*, *Núpcias*) verificamos apontamentos para uma verdade, a da aceitação da terra<sup>11</sup>; a partir deles o autor se lança em uma rigorosa investigação racional desta constatação existencial<sup>12</sup>. Em *O mito de Sísifo* já podemos compreender a essência da idéia de absurdo, eixo de toda a

---

<sup>9</sup>COSTA PINTO, Manuel da. Apresentação. In: CAMUS, Albert. **A inteligência e o cadafalso e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Record, 2002.p.8.

<sup>10</sup> BRISVILLE, Jean Claude. **Albert Camus**. Lisboa: Editorial Presença, 1962.p.112.

<sup>11</sup> Ibidem, p.93.

<sup>12</sup> Conforme afirma Barreto. BARRETO, op. cit., p.45.

obra camusiana. Neste livro o autor reflete sobre a sensibilidade absurda que se encontra nas ruas de nosso tempo. O sentimento do absurdo nasce do desespero do homem que busca os sentidos de um mundo silenciosamente belo. “O absurdo é, portanto, a conclusão a que se chega quando pretendemos encontrar no mundo ordem e razão, e achamos somente desordem e irracionalidade”<sup>13</sup>.

Para Camus “a conclusão última do raciocínio absurdo é, na verdade, a rejeição do suicídio e a manutenção desse confronto desesperado entre a interrogação humana e o silêncio do mundo [...] para dizer que a vida é absurda, a consciência tem necessidade de estar viva”<sup>14</sup>. Sendo o absurdo a contradição existente na presença humana no mundo, o suicídio seria a fuga e o fim do confronto:

Proclamo que não creio em nada e que tudo é absurdo, mas não posso duvidar de minha própria proclamação e tenho de, no mínimo, acreditar em meu protesto. A primeira e única evidência que me é dada no âmbito da experiência absurda, é a revolta [...] A revolta nasce do espetáculo da desrazão diante de uma *condição* injusta e incompreensível<sup>15</sup>.

Esta condição pode ser a própria absurdidade da existência humana, uma situação de humilhação a que o homem está submetido ou até mesmo uma condição social que fere a dignidade dos homens. De acordo com Camus a estratégia criativa da revolta é a *negação-afirmativa*, o “não”, o “basta” que o revoltado diz a uma situação injusta é também um “sim” a si mesmo, estabelecendo um limite a partir do qual não aceitará mais ser oprimido. O revoltado pode até mesmo morrer pelas razões de sua revolta, pois dela surge a consciência de um valor que o homem pode colocar acima de si próprio. É o momento da revolta que Camus chamará de “Tudo ou Nada”:

Se prefere a eventualidade da morte à negação desse direito que ele defende, é porque o coloca acima de si próprio. Age portanto em nome de um valor, ainda confuso, mas que pelo menos sente ser comum a si próprio e a todos os homens. Vê-se que a afirmação implícita em todo ato de revolta estende-se a algo que transcende o indivíduo, na medida que o retira de sua suposta solidão, fornecendo-lhe uma razão para agir<sup>16</sup>.

---

<sup>13</sup> Ibidem, p.43.

<sup>14</sup> CAMUS, Albert. **O homem revoltado**. Rio de Janeiro: Record, 2005.p.16.

<sup>15</sup> Ibidem, p.20. (grifo meu)

<sup>16</sup> Ibidem, p.28.

É importante ressaltar que na perspectiva camusiana o homem revoltado é aquele bem informado, que se situa antes ou depois do sagrado, ou seja, que não espera pela realização da justiça em um outro mundo. A revolta acaba por formular uma questão: “longe do sagrado e de seus valores absolutos, pode-se encontrar uma regra de conduta?”.<sup>17</sup>

Em uma reflexão permeada pela noção de absurdo, num mundo que não se reduz às categorias racionais, através da revolta Camus apontará para um primeiro progresso:

Na experiência do absurdo, o sofrimento é individual. A partir do movimento de revolta, ele ganha a consciência de ser coletivo, é a aventura de todos. O primeiro avanço da mente que se sente estranha é, portanto, reconhecer que ela compartilha esse sentimento com todos os homens, e que a realidade humana, em sua totalidade, sofre com esse distanciamento em relação a si mesma e ao mundo<sup>18</sup>.

Reconhecendo a existência individual e coletiva em meio a um universo injusto, incoerente e incompreensível, a revolta dá fundamento ao primeiro valor humano: “eu me revolto, logo existimos”<sup>19</sup>.

De acordo com Guimarães “é no plano da atividade que vamos encontrar as verdades mais significativas de toda a obra camusiana e que constituirão uma base firme, definitiva, para um plano de vida humano. As verdades aqui estão intimamente ligadas aos dois outros planos: o da sensibilidade e o racional”<sup>20</sup>.

A análise da arte camusiana se amparada apenas por argumentos racionais é empobrecedora, por isso, considerar seu apego ao homem é fundamental para a compreensão de sua proposta política, pois é no político que este apego atua. Nesta análise, situo-me em um campo teórico e historiográfico que discute o lugar dos sentimentos e das sensibilidades na história e sua relevância para o político e sua

---

<sup>17</sup> Ibidem, p.34.

<sup>18</sup> Ibidem, p.35.

<sup>19</sup> Ibidem, p.35.

<sup>20</sup> GUIMARAES, op.cit., p.89.

gestão<sup>21</sup>. Meu olhar então se foca nas relações entre história e afetividade, estética e política, considerando sempre a particularidade do pensamento de Albert Camus.

### ***Os Justos: o que importa é a realidade***

... encontrar no esquecimento de si a mais perfeita realização de  
si, a mais severa exigência e a mais ilimitada permissão de  
felicidade.

(André Gide - *Os Frutos da Terra*)<sup>22</sup>

*Os justos* foi encenada pela primeira vez em 1949, em Paris, com Serge Regiani e Maria Casarès no elenco. A ação do drama<sup>23</sup> se passa em Moscou, na Rússia, no ano de 1905. Um grupo de anarquistas pertencentes ao Partido Socialista Revolucionário participa do atentado a bomba que mata o grão-duque, lançada pelo personagem Yanek Kaliaiev. O espetáculo se baseia em acontecimentos reais, “todos os personagens existiram e agiram da maneira descrita por Camus”<sup>24</sup>.

No primeiro ato, um clima de tensão, Camus mostra a diferença de atitude e de pensamento entre Kaliaiev - personagem central - e seu amigo Stepan, que acabara de voltar da prisão. Eles discutem o projetado assassinato do grão-duque. Para Stepan, que vinha de uma dura experiência no cárcere, qualquer meio seria válido desde que o objetivo fosse atingido. Kaliaiev, no entanto, defende que a revolução não pode perder o sentimento de honra. É no entrelaçamento dos sentimentos de honra e amor ao homem que se constitui a ética dos justos. No prefácio da edição portuguesa da peça, Antônio Quadros afirma que

---

<sup>21</sup> Refiro-me a dois núcleos de pesquisas, o NEPHISPO (Núcleo de Estudos e Pesquisas em História Política) da Universidade Federal de Uberlândia e o Núcleo História e Linguagens Políticas: razão, sentimentos e sensibilidades, sediado na Unicamp.

<sup>22</sup> GIDE, André. **Os frutos da terra**. Rio de Janeiro: Rio Gráfica, 1986.p.12.

<sup>23</sup> Utilizo nesta análise a tradução portuguesa do texto. CAMUS, Albert. **Os justos**. Lisboa: Edições livros do Brasil, [19 --].

<sup>24</sup> BARRETO, op. cit.p.183.

a honra do justo consiste na absoluta ausência de interesses pessoais, ao ponto de dar a própria vida a uma causa nobre. O justo é o que assume a responsabilidade por seus atos, aceitando de cabeça levantada o calvário que lhe é imposto. Mas, ao mesmo tempo, o justo é o que ama os homens, seus irmãos. Não a humanidade, outra idéia <sup>25</sup>.

*“Compreendi que não bastava denunciar a injustiça.*

*Era preciso dar a vida para a combater. Agora, sou feliz.”*

(1º ato p.46)

A idéia de “desprendimento” surge aqui, como virtude moral e política, fundamental para a compreensão da ação dos justos, pois o mundo e não o eu é mais importante. Sobre a era moderna, Hannah Arendt lembra que

desde que fizemos da vida nossa suprema e primacial preocupação, não nos resta espaço para uma atitude baseada no desprezo por nosso próprio interesse vital. O desprendimento pode ser ainda uma virtude religiosa ou moral; dificilmente será uma virtude política. Sob essas condições, a objetividade perdeu sua validade na experiência, divorciou-se da vida real [...] <sup>26</sup>.

Esses revolucionários consideram, em primeiro lugar, a realidade de um mundo comum a todos, agem em função de princípios, idéias, e assumem as conseqüências dos seus atos, responsabilizando-se integralmente por eles.

No segundo ato, Kaliaiev, a quem coube a tarefa de atirar a bomba contra o grão-duque - visto por eles como a encarnação do despotismo - fracassa na primeira tentativa, por vê-lo acompanhado de crianças na carruagem a caminho do teatro. Esta tentativa fracassada do atentado acarreta uma discussão, entre Stepan e Kaliaiev. Este não quer se alienar de seu presente e procura se ater à realidade que vivencia. A violência cometida hoje não se justifica em nome de um futuro incerto. Sua desavença com Stepan nos mostra isso:

---

<sup>25</sup> CAMUS, **Os justos**, p.20.

<sup>26</sup> ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 1992. p.83.

**“Stepan - A inocência! Talvez de fato a conheça. Mas escolhi ignorá-la e fazê-la esquecer a milhares de homens para que um dia tome um sentido mais alto.**

**Kaliaiev - É preciso ter a absoluta certeza de que este dia chegará para negar o que dá aos homens uma razão para viver.**

**Stepan - Tenho a absoluta certeza.**

**Kaliaiev - Não podes te-la. Para saber qual de nós tem razão, é preciso talvez o sacrifício de três gerações, várias guerras, terríveis revoluções. Quando esta chuva de sangue tiver secado por completo a terra, tu e eu estaremos há muito cobertos de pó.**

**Stepan - Outros virão em nosso lugar e eu saúdo-os como meus irmãos**

**Kaliaiev, gritando - Outros... sim! Mas eu amo os que vivem hoje na mesma terra que eu, e são esses que saúdo. É por eles que luto e é por eles que estou disposto a morrer. E por uma cidade longínqua, de que não tenho sequer a certeza, não irei contra os meus irmãos...”** (2º ato, p.106)

Acompanhando esta entrega à realidade, observa-se também que os justos são tentados por uma constante exigência de coerência consigo mesmos. Para Camus, o pensamento revoltado “não pode, portanto, privar-se da memória: ele é uma *tensão perpétua*. Ao segui-lo em suas obras e nos seus atos, teremos que dizer, a cada vez, se ele continua fiel à sua nobreza primeira ou se, por cansaço e loucura esquece-a, pelo contrário, em uma embriaguez de tirania ou de servidão”<sup>27</sup>.(grifo meu)

Vivendo em um mundo de injustiças e de opressão, eles não se voltaram para si mesmos alheios à realidade. De modo contrário, sua responsabilidade pelo mundo esteve presente em todos os momentos. Sentindo-se no dever de carregar o pesado fardo de cuidar do mundo, com forte consciência de sua realidade presente, Kaliaiev e seus ‘irmãos’ puderam sentir nascer, a partir de uma trágica experiência vivida, um prazer. Percebemos, então, a existência do *prazer trágico*, que se comprova em algumas situações do drama. Dora, encarregada da preparação das bombas usadas nos atentados, afirma:

**“É assim, Yanek. Matar e morrer. Mas, na minha opinião, há uma felicidade ainda maior. [...] O cadafalso.”**

---

<sup>27</sup> CAMUS, 2005, p. 35.

(1º ato, p.69)

Em um outro momento:

*“Com certeza, com certeza. É preciso matar o despotismo. Prepararei a bomba e, ao selar o tubo, no momento mais difícil, quando os meus nervos estiverem mais tensos, sentirei no entanto uma estranha felicidade ...”*

(1º ato, p.74)

Arendt diz que “o prazer que é fundamentalmente uma consciência mais intensa da realidade, nasce de uma abertura apaixonada ao mundo, do amor ao mundo. Nem mesmo a noção de que o homem pode ser destruído pelo mundo pode depreciar o prazer trágico”<sup>28</sup>. Por isso, os justos, conhecendo e sentindo a realidade dos homens, seus contemporâneos, e com os pés firmes no chão, não abrem mão da realidade, com todos os seus aspectos, bons e ruins, estando prontos a se sacrificarem por amor ao mundo.

Há algo de muito instigante neste drama. Em um determinado momento da conversa entre Kaliaiev e Dora, uma questão emerge sutilmente:

**“Dora - [...] Mas não conheço o grão-duque e seria muito mais difícil se, durante esse tempo, ele estivesse sentado em frente de mim. Mas tu vais vê-lo de perto. De muito perto...”**

**Kaliaiev, com violência - Não o verei.**

**Dora – Por quê? Fecharás os olhos?**

**Kaliaiev - Não. Mas com a ajuda de Deus, o ódio chegará na altura própria e ficarei cego.”** (1º ato, p.74)

Que apelo será este que a *face do outro* faz, e que poderia fazer Kaliaiev fraquejar?

Para a compreensão desta questão talvez seja oportuno uma aproximação com a ética da alteridade, conforme lemos na obra do filósofo lituano Emmanuel Lévinas. A dimensão ética, que está no cerne do pensamento levinasiano, se inscreve no *face*

---

<sup>28</sup> ARENDT, Hannah. **Homens em tempos sombrios**. Lisboa: Relógio d`água, 1991. p.15.

*a face* com outrem. A face é para Lévinas a alteridade do Outro, me lembro de minha responsabilidade por outro homem no rosto dele.

Lévinas nos falar sobre a inversão humana do “cada um por si” em um eu ético que é prioridade do “para o outro”. Do para si passaríamos ao para o outro: “No ser como vida, uma *contração sobre si*, um para si, um “instinto de conservação”, já em luta pela vida e, no ser pensante, uma vontade de ser, inter-essamento, egoísmo”<sup>29</sup>. A ética abrandando esta contração ontológica sobre si mesmo, fere esse egoísmo:

A ética, o cuidado reservado ao ser do outro-que-si-mesmo, a não indiferença para com a morte de outrem e, conseqüentemente, a possibilidade de morrer por outrem, chance de santidade, seria o *abrandamento desta contração ontológica que o verbo ser diz*, o des-inter-essa-mento rompendo a obstinação em ser, abrindo a ordem do humano, da graça e do sacrifício<sup>30</sup>.

Sobre a ética da alteridade, Lévinas diz: há “uma substituição ao para-si da obstinação ontológica de um eu doravante decerto único, mas único por sua eleição a uma responsabilidade pelo outro homem – irrecusável e incessível – esta reviravolta radical produzir-se ia no que chamo encontro do rosto de outrem”<sup>31</sup>.

De acordo com o estudioso da ética levinasiana Nélio Vieira de Melo, Lévinas parte de um interdito ético-filosófico o

**não matarás, não reduzirás o outro à idéia.** Nesta solicitação se encontra o ponto de partida do estatuto ético como religião do outro. O outro, enquanto pessoa, é terra santa, sacralidade absoluta. Para aproximar-se dele é necessário tirar as sandálias, despojar-se de si mesmo, escutá-lo, e fazer-se responsável pela sua existência<sup>32</sup>.

Em *Os justos*, Kaliaiev ao tentar reduzir o grão-duque à idéia e matá-lo, tentou não escutar este apelo feito pela face de outrem. A parte mais difícil em sua dilacerante missão “terrorista” será no momento do face a face, nesta hora não será mais o anarquista e o grão-duque, será o *eu* diante do rosto do próximo em toda sua nudez. No diálogo entre Kaliaiev e Dora, ela lhe diz:

---

<sup>29</sup> LÉVINAS, Emmanuel. **Entre nós**. Petrópolis: Vozes, 2005. p.268. (grifo meu)

<sup>30</sup> Ibidem, p.269.

<sup>31</sup> Ibidem, p.269.

<sup>32</sup> MELO, Nélio Vieira de. **A ética da alteridade em Emmanuel Lévinas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, INSAF, 2003. p.22.

*“Pois bem, o atentado, o cadafalso, morrer duas vezes, é o mais fácil. Basta a tua coragem. Mas na primeira fila... (cala-se olha-o, parece hesitar.) na primeira fila, vais ver...”*

**Kaliaiev - Quem?**

**Dora - O grão-duque.**

**Kaliaiev - Um instante, apenas.**

**Dora - Um instante em que o olharás! Ah, Yanek, é preciso que saibas, é preciso que sejas prevenido! Um homem é um homem. O grão-duque tem talvez um olhar bom. Vê-lo-ás coçar a orelha ou sorrir alegremente. Quem sabe, ter-se há cortado a fazer a barba. E se ele te olhar neste momento.”** (1 ato, p.72)

Eis a nudez humana que Kaliaiev tentará não ver. De acordo com Emmanuel Lévinas

a nudez humana interpela-me – interpela o eu que sou – interpela-me por sua fraqueza, sem proteção e sem defesa, por sua nudez; mas interpela-me também por estranha autoridade, imperativa e desarmada, palavra de Deus e verbo no rosto humano. Rosto, já linguagem antes das palavras, linguagem original do rosto humano despojado da postura que ele se dá – ou que suporta – sob nomes próprios, títulos e gêneros do mundo<sup>33</sup>.

Vemos que há para Lévinas uma exigência ética infinita do Rosto que me encontra. É como se o eu estivesse sempre em dívida para com o Outro, uma dívida que o eu não contraiu, mas que carrega. A base de seu pensamento é a evasão da ontologia como filosofia primeira para a relação ética. Na crítica que faz ao projeto filosófico de Heidegger, Lévinas põe em questão unicamente a anulação do outro<sup>34</sup>. Ao responder à questão sobre “que há no rosto?” ele afirmar:

Na minha análise, o Rosto não é absolutamente uma forma plástica como um retrato; a relação ao rosto é, ao mesmo tempo, relação ao absolutamente fraco – ao que está absolutamente exposto, o que está nu e o que é despojado, é a relação com o despojamento e, por conseguinte, com o que está só e pode sofrer o supremo isolamento que se chama a morte; por isso, há sempre no Rosto de Outrem a morte e, assim, de certa maneira, incitação ao assassinato, tentação de ir até o fim, de negligenciar

<sup>33</sup> LÉVINAS, op.cit. p.283.

<sup>34</sup> MELO, op.cit. p.31.

completamente a outrem – e, ao mesmo tempo, e esta é a coisa paradoxal, o Rosto é também o “Tu não matarás”. Tu-não-matarás que também se pode explicitar muito mais: é o fato de eu não poder deixar outrem morrer só, há como um apelo a mim [...] e isto me parece importante, a relação com outrem não é simétrica [...] Segundo minha análise, ao invés disso, na relação ao Rosto, o que se afirma é assimetria: no começo pouco me importa o que o Outrem é em relação a mim, isto é problema dele; para mim, ele é antes de tudo aquele por quem eu sou responsável<sup>35</sup>.

A questão que a atitude de Kaliaiev nos coloca é a da confrontação entre um determinado conceito de justiça, defendido por ele, e a exigência ética infinita do Rosto de outro. O grão-duque, “a encarnação da tirania”, foi aquele que ameaçou o próximo, chamando a violência. Aparece aí um terceiro, se o outro fosse o meu único interlocutor *eu* só teria obrigações, mas existe o *terceiro*, que é também outro. Foi na defesa deste terceiro que Kaliaiev se voltou contra o grão-duque: “a partir da justiça e da defesa do outro homem, meu próximo, e não, em absoluto, a partir da ameaça que me atinge. Se não houvesse ordem de justiça, não haveria limite para minha responsabilidade”<sup>36</sup>.

Lévinas chama de amor: “o encontro com Outrem é imediatamente minha responsabilidade por ele. A responsabilidade pelo próximo é, sem dúvida, o nome grave do que se chama amor do próximo, amor sem Eros, caridade, amor em que o momento ético domina o momento passional, amor sem concupiscência”<sup>37</sup>. No dilema de Kaliaiev, que teme o face a face, o que vemos sob uma perspectiva levinasiana é esse amor vigiando a aplicação daquilo que Kaliaiev chama de “justiça”. A ordem de justiça que este anarquista segue foi interpelada pelo amor ao outro, em toda sua nudez.

No terceiro ato da peça finalmente ocorre o planejado assassinato do grão-duque. No quarto ato, já na cela, Kaliaiev – que foi preso após o atentado – “passa então pelos três tipos de tentação com que se defrontam os prisioneiros políticos: a do desespero, a da traição diante da barganha policial e da renúncia aos seus ideais”<sup>38</sup>.

---

<sup>35</sup> LÉVINAS, op.cit. p.144.

<sup>36</sup> Ibidem, p.145.

<sup>37</sup> Ibidem, p.143.

<sup>38</sup> BARRETO, op. cit. p.187.

A grã-duquesa, ao visitar-lhe na prisão, traz o discurso do perdão cristão em troca do seu arrependimento, que pode livrá-lo da pena capital. Mas, ele recusa:

**“Grã-duquesa - Não me fale como se eu fosse sua inimiga. Olhe. (Vai fechar a porta) Tenho confiança em si. (chora)**

*Estamos separados pelo sangue. Mas pode juntar-se a mim em Deus, no próprio lugar da desgraça.*

*Reze ao menos comigo.*

**Kaliaiev - Recuso (Dirige-se para ela) Não sinto por si senão uma grande pena e o que disse comoveu-me muito. Mas compreenderá agora tudo, porque não lhe esconderei nada. Já não acredito no encontro marcado com Deus.**

*Morrendo, no entanto, serei pontual no encontro que marquei com os que amo, com os meus irmãos que pensam em mim neste momento. Rezar seria trair.*

**A grã-duquesa - O que quer dizer?**

**Kaliaiev, exaltado - Nada, senão que vou ser feliz. Tenho uma grande luta a travar e saberei vencer. Mas quando a condenação for pronunciada e eu estiver prestes a ser executado, afastarme-ei de si e desse mundo abominável e abandonarme – ei ao amor que me toma.”** (4º ato, p 88)

Compreende-se que o oposto do amor ao mundo não é o ódio ao mundo, e sim a alienação, o alheamento a ele. Pois quando Kaliaiev diz que se afastará “deste mundo abominável” é uma denúncia do mundo que ele faz, do que há de errado nele. A indiferença ao mundo é uma irresponsabilidade para com ele, diferente do ato extremado deste anarquista.

Camus não concebe a política sem o sentimento de amor à criatura humana e seu mundo. Sua grande semelhança com Kaliaiev reside na fidelidade que ambos dedicam ao homem. Continuemos observando o diálogo entre a grã-duquesa e Kaliaiev. Ela lhe diz:

*“ Não há amor longe de Deus.*

**Kaliaiev - Sim. O amor pela criatura humana. [...]**

**A grã-duquesa - Deus reúne.**

**Kaliaiev - Mas não nesta terra. E os meus encontros marcados são nesta terra.”**

(4º ato, p.191)

Ora, se “o amor concede pertença, e o amor a Deus concede pertença à eternidade,”<sup>39</sup> Kaliaiev, ao se agarrar ao mundo, vê na criatura a sua pátria. Mesmo que o homem pareça ser desprezível e repugnante, ele prefere perecer com ele a negá-lo. Em momento algum, a humanidade do grão-duque foi ignorada. De acordo com a análise de Guimarães, o ódio é a concordância com a abstração, ele então questiona:

o que odeio no outro? Certamente, uma determinada atitude, uma situação, uma ordem injusta que ele faz vigorar. Mas o outro não é só isto. É mais. Mesmo que sua situação o mostre como um superior, um privilegiado, ele é um igual a mim. E, porque é um igual, não o posso atingir, como quer o ódio abstracionista. Seria preciso atingi-lo apenas no que tem de detestável, mas tal é impossível: ele é um homem, um indivisível. Não podemos atingir o injusto somente naquilo que ele é injusto<sup>40</sup>.

Não se trata de um amor fantasioso a um povo ou coletividade, mas, para além disso, o que aqui se expressa e com assustadora sinceridade é o amor à carne. Por isso que, ao vê-la humilhada (com o sofrimento do povo russo) os justos não puderam suporta-lo, mas ao sacrificarem o “causador” deste mal (o grão-duque), perceberam que era a mesma carne que aí morreria. Depois da visita da grã-duquesa, o chefe de polícia volta à cela de Kaliaiev, provocando-o:

*“... Ora oiça com atenção. Facilitei-lhe este encontro com a grã-duquesa para que a notícia saia amanhã nos jornais. O relato será verdadeiro, exceto num ponto. Dirá que o senhor se arrependeu do que fez. Os seus camaradas pensarão que os atraíçoou.*

**Kaliaiev** - *Não acreditarão.*

**O chefe de polícia** - *Por quê? Acaso nunca pecaram?*

**Kaliaiev** - *Não sabe como eles são capazes de amar.”* (4º ato, p.196)

Eis a grande particularidade desta obra, a expressão desta “capacidade de amar”. Camus nos faz conhecer, pela representação teatral, o amor destes anarquistas invadindo a esfera política. Ao se referir aos justos, afirma que:

<sup>39</sup> ARENDT, Hannah. **O conceito de amor em Santo Agostinho** Lisboa: Instituto Piaget. p.29.

<sup>40</sup> GUIMARÃES, op. cit., p.79.

no mundo que eles negam e que os rejeita, eles tentam, como todas as grandes almas, refazer homem por homem, uma fraternidade. O amor que têm um pelo outro, que lhes traz felicidade até no deserto da prisão, que se estende à imensa massa de seus irmãos escravizados e silenciosos, dá a medida de seu infortúnio e de sua esperança. Para servir a esse amor, precisam primeiro matar; para afirmar o reino da inocência precisam aceitar uma certa culpabilidade.<sup>41</sup>

No quinto e último ato, este “assassino delicado” tranqüilamente enfrenta a morte. Aceita e afirma que nenhuma vida humana vale mais que qualquer idéia. E enquanto esperam por notícias sobre sua execução, Dora e Annenkov conversam transtornados:

**“Dora** - *A estas horas sai provavelmente para o pátio. Todos ficam calados, assim que ele surja. Oxalá não faça demasiado frio. Sabes como se enforca um homem Boria?*

**Annenkov** - *Com uma corda. Basta, Dora!*

**Dora**, *transtornada* - *O carrasco salta-lhe sobre os ombros, o pescoço estala. Não é horrível?*

**Annenkov** - *Sim, num sentido. Noutro sentido, é a felicidade.*

**Dora** - *A felicidade?*

**Annenkov** - *Sentir a mão de um homem antes de morrer.*”

(5º ato, p.218)

É o apego apaixonado ao humano que percebemos na constatação de Annenkov sobre esta última felicidade sentida por Kaliaiev – certamente em um dos mais importantes e emocionantes momentos do drama – fruto de um amor pela criatura por parte de um homem que às vésperas de abandonar o convívio humano sentiria essa felicidade singular uma última vez, a de tocar a carne. Há o reconhecimento de humanidade mesmo *no toque da mão do carrasco*. Eis o tema central. É neste amor que quero me deter, e a partir desse apego pensar politicamente sua obra, pois aí reside a radicalidade e a (im)pertinência de sua atitude política denunciando um “mundo ainda adormecido em seu conforto e na sua miséria

---

<sup>41</sup> CAMUS, 2005, p.201.

moral”<sup>42</sup>. Com este sentimento manifesta-se um humanismo radical e Camus, à sua maneira, acaba por nos recolocar a complexa questão do homem no mundo, nos fazendo constatar, portanto, a existência desse “amor includente”, que é apego e fidelidade a um ser que jamais existe no singular.

Kaliaiev odiava a morte. Morreu odiando-a e exaltando a dignidade humana diante de uma política que a nega. Por ter destruído o que mais amava, uma (a) vida e por ter destituído um homem do convívio humano, não suportaria mais viver. A honra se mostra novamente. Ele assassinou o grão-duque (o tirano), mas conseqüentemente um homem (embora desumano em seus atos), portanto, não se permitiu continuar vivendo. Queria e precisava da inocência. Acreditando na equivalência das vidas, se preparou para morrer. Para Dora, sua morte seria como que uma justificação:

*“Não chorem. Não, não, não chorem! Vêem bem que é o dia da justificação. Qualquer coisa se eleva neste momento, qualquer coisa que é o nosso testemunho de revoltados: o Yanek já não é criminoso. Um barulho terrível! Bastou um barulho terrível para que regressasse à alegria da infância. Lembram-se de como ria? Às vezes ria sem razão. Era tão novo! Agora também deve estar a rir. Deve estar a rir com a cara contra a terra!”* (grifos meus)

*“... para que regressasse à alegria da infância”*, ou seja, para que se tornasse novamente inocente. Camus é enfático quando diz que o rompimento que o assassinato efetua na ordem das coisas é irreversível, ele deve ser uma exceção desesperada ou então não é nada. Para reconciliar-se com seu ato assassino, o revoltado só encontra uma saída: o sacrifício da própria morte. “Ele mata e morre para que fique claro que o assassinato é impossível. Ele mostra que prefere, na realidade, *o nós existimos* ao *nós existiremos*. A felicidade tranqüila de Kaliaiev em sua prisão, a serenidade de Saint-Just ao caminhar para o cadafalso são por sua vez explicadas...”<sup>43</sup>

*A cara contra a terra*, atado até o fim, ao seu primeiro e último amor.

---

<sup>42</sup> CAMUS, Albert. Por que a Espanha?(Resposta de Camus a Gabriel Marcel). In: **Estado de sítio**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

<sup>43</sup> CAMUS, 2005, p.324.

## Os homens em protesto contra a morte

*A terra! Esse grande templo abandonado pelos deuses, a obrigação do homem é povoá-lo de ídolos à sua imagem, indizíveis, rostos de amor e pés de barro.*

*(Albert Camus Primeiros Cadernos<sup>44</sup>)*

Todo ser humano está fadado à morte. A mortalidade é um dado da condição humana. Mas o fato de que apesar da morte os homens são capazes de agir e iniciar o novo possibilita afirmar que a própria existência humana e sua ação no mundo é um contínuo protesto contra nossa condição mortal. De acordo com Hannah Arendt

fluindo na direção da morte, a vida do homem arrastaria consigo, inevitavelmente todas as coisas humanas para a ruína e a destruição, se não fosse a faculdade humana de interrompê-las e iniciar algo novo, faculdade inerente à ação como perene advertência de que **os homens embora devam morrer não nascem para morrer, mas para começar**<sup>45</sup>.

A existência dos homens na terra, que fluindo rumo à morte consagraria o absurdo e derramaria o niilismo e a indiferença sobre tudo, possui esse caráter de aposta, no mundo e na humanidade. Por ter fé e esperança no mundo o homem ao agir começa algo novo, exigindo um sentido deste mundo e mudando sua trajetória.

O próprio homem é, de um modo extremamente milagroso e misterioso, manifestamente dotado para fazer milagres. Em nossa linguagem comum e bem usual, chamamos a esse dom de agir. É peculiar ao agir o desencadeamento de processos cujo automatismo, em seguida, parece muito semelhante ao dos processos naturais; e lhe é peculiar também estabelecer um novo início, começar algo novo, tomar a iniciativa, ou, falando como Kant, iniciar a partir de si mesmo uma cadeia. O milagre da liberdade está inserido nesse poder iniciar, que, por sua vez, está inserido no fato (*Faktum*) de que todo homem, ao nascer, ao aparecer em um mundo que estava aí antes dele e que continuará a ser depois dele, é, ele mesmo, um novo início<sup>46</sup>.

---

<sup>44</sup> CAMUS, Albert. **Primeiros cadernos**. Lisboa: Livros do Brasil, [19--].

<sup>45</sup> ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense universitária, 1982.p.258. (grifo meu)

<sup>46</sup> ARENDT, Hannah. **A dignidade da política**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002. p.121.

Toda a humanidade tem o mesmo fim, na terra agimos todos inspirados pela morte, esta revoltante certeza. Na perspectiva camusiana a revolta é instrumento da luta dos homens em confronto com seu destino: “Ao reclamar a unidade da condição humana, ela é força de vida, não de morte. Sua lógica profunda não é a da destruição; é a da criação”<sup>47</sup>. Diante desta luta primeira e maior da raça humana contra sua condição, por que admitir a injustiça, a humilhação e a negação do outro?

A lógica do revoltado é querer servir a justiça a fim de não aumentar a injustiça da condição humana, esforçar-se no sentido de uma linguagem clara para não aumentar a mentira universal e apostar, diante do sofrimento humano, na felicidade<sup>48</sup>.

Segundo Manuel da Costa Pinto a sensibilidade de Camus vê a tragédia pela lente da beleza e do prazer. Trata-se de um dado fundamental para a compreensão do pensamento camusiano. Quando, no final dos anos trinta o jovem Camus tece um comentário sobre *A náusea* de Jean Paul Sartre, ele irá afirmar que o erro desta literatura “é acreditar que a vida é trágica porque é miserável [...] ela pode ser emocionante e magnífica, esta é sua tragédia. Sem a beleza, o amor ou o perigo, seria quase fácil viver”<sup>49</sup>.

Percebe-se que para Camus, os motivos para se desesperar, no homem, residem na beleza da vida terrestre, uma vida em que a morte aparece como o supremo escândalo. Portanto, constatar essa absurdidade da existência é o ponto de partida para viver. “Deste trágico cara a cara com o que nos mata, a vida deverá renascer. Ela será tanto melhor vivida quanto mais nos recordamos de que não tem sentido”<sup>50</sup>. Mas, Camus diz que algo no mundo tem sentido, esse algo é o homem, pois ele é o único que exige um sentido do mundo.

O apego, a fidelidade e o amor ao mundo revelam esta opção pelo confronto contra um destino e pelo desvio de um curso natural que caminha para a destruição. A exigência revoltada, que é exigência de quem ama, opta por *fazer como se...* Aí reside toda a grandeza humana, de acreditar no mundo e (re)começar, mesmo fadados ao fim:

---

<sup>47</sup> CAMUS, 2005, p.327.

<sup>48</sup> Ibidem.

<sup>49</sup> CAMUS, 2002, p.135.

<sup>50</sup> BRISVILLE, op.cit., p.95.

Os conquistadores sabem que toda ação, em si, é inútil. Só existe uma ação útil: a que restaura os homens e a terra. Eu não vou nunca restaurar os homens. Mas é preciso fazer “como se”. Pois o caminho da luta me leva a redescobrir a carne. Mesmo humilhada a carne é a minha única certeza. Só posso viver dela. A criatura é a minha pátria. Eis porque escolhi esse esforço absurdo e sem perspectiva. Eis porque estou do lado da luta <sup>51</sup> .

Referências bibliográficas:

ARENDDT, Hannah. **O conceito de amor em Santo Agostinho**. Lisboa: Instituto Piaget, [19--].

\_\_\_\_\_. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

\_\_\_\_\_. **Homens em tempos sombrios**. Lisboa: Relógio D’água, 1991.

\_\_\_\_\_. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 1992.

\_\_\_\_\_. **A dignidade da política**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

BARRETO, Vicente. **Camus, vida e obra**. Rio de Janeiro: J. Álvaro/ INL-MEC, [19--].

BRISVILLE, Jean Claude. **Albert Camus**. Lisboa: Editorial Presença, 1962.

CAMUS, Albert. **O avesso e o direito**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

\_\_\_\_\_. **Núpcias, O verão**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979.

\_\_\_\_\_. **O homem revoltado**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

\_\_\_\_\_. **O mito de Sísifo**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

\_\_\_\_\_. **Os justos**. Lisboa: Livros do Brasil, [19--].

\_\_\_\_\_. **Primeiros cadernos**. Lisboa: Livros do Brasil, [19--].

\_\_\_\_\_. **Estado de sítio**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

\_\_\_\_\_. **A inteligência e o cadafalso e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

GIDE, André. **Os frutos da terra**. Rio de Janeiro: Rio Gráfica, 1986.

---

<sup>51</sup> CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.p.106.

GUIMARÃES, Carlos Eduardo. **As dimensões do homem**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.

LÉVINAS, Emmanuel. **Entre nós**. Petrópolis: Vozes, 2005.

MELO, Nélcio Vieira de. **A ética da alteridade em Emmanuel Lévinas**. Porto Alegre: EDIPUC RS, INSAF, 2003.

TODD, Olivier. **Albert Camus, uma vida**. Rio de Janeiro: Record, 1998.